

A rede agroecológica de Campos dos Goytacazes: uma experiência colaborativa entre a UENF, os assentamentos e a feira agroecológica

The Campos dos Goytacazes agroecological network: a collaborative experience between UENF, the settlements and the agroecological fair

La red agroecológica Campos dos Goytacazes: una experiencia de colaboración entre la UENF, los asentamientos y la feria agroecológica

Mayara Gama Machado¹

Resumo: O presente trabalho é um relato da experiência da rede agroecológica de Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil. O principal objetivo é investigar as formatações que as redes agroecológicas tomam em Campos dos Goytacazes, focando na experiência da feira agroecológica da UENF/ITEP (Universidade Estadual do Norte Fluminense/Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares) e os atores envolvidos nas dinâmicas dessa feira. Além de explorar a relação da feira e dos assentamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) na região, caracterizando essa experiência como economia popular, pela relação com o território, com a população vulnerável e paralelo às forças governamentais. A metodologia, de caráter qualitativo descritivo, se baseou em revisão bibliográfica e entrevistas semi estruturadas com os trabalhadores na feira da UENF.

Palavras-chave: Economia Popular. Feira Agroecológica. Organização Sociopolítica.

Abstract: This paper is an account of the experience of the agroecological network in Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brazil. The main objective is to investigate the formats that agroecological networks take in Campos dos Goytacazes, focusing on the experience of the agroecological fair at UENF/ITEP (Universidade Estadual do Norte Fluminense/Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares) and the actors involved in the dynamics of this fair. It also explores the relationship between the fair and the MST (Landless Rural Workers' Movement) settlements in the region, characterizing this experience as a popular economy, due to its relationship with the territory, with the vulnerable population and parallel to government forces. The methodology, of a descriptive qualitative nature, was based on a bibliographical review and semi-structured interviews with the workers at the UENF fair.

Keywords: People's Economy. Agroecology Fair. Sociopolitical Organization.

Resumen: Este trabajo es un relato de la experiencia de la red agroecológica de Campos dos Goytacazes, Río de Janeiro, Brasil. El objetivo principal es investigar los formatos que adoptan las redes agroecológicas en Campos dos Goytacazes, centrándose en la experiencia de la feria agroecológica de la UENF/ITEP (Universidade Estadual do Norte Fluminense/Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares) y en los actores

¹ Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/Campos dos Goytacazes.

implicados en la dinámica de esta feria. También explora la relación entre la feria y los asentamientos del MST (Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra) en la región, caracterizando esta experiencia como economía popular, por su relación con el territorio, con la población vulnerable y paralela a las fuerzas gubernamentales. La metodología, de carácter cualitativo descriptivo, se basó en una revisión bibliográfica y entrevistas semiestructuradas a los trabajadores de la feria de la UENF.

Palabras clave: Economía Popular. Feria Agroecológica. Organización sociopolítica.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, recupero as pulsões que me levaram à investigação das redes agroecológicas de Campos dos Goytacazes. Os esgotamentos psicológicos gerados pelo neoliberalismo se intensificaram pela pandemia. Focada nos estudos sobre as expressões da lógica neoliberal, descrita por Foucault, como um processo de subjetivação da auto empresarialidade e produtividade constante, me vi em uma sensação de desamparo constante, uma sensação de estar lendo sobre uma teoria conspiratória que rodeava tudo, estava em todos os lugares, inclusive dentro da minha mente. O isolamento social facilitou muito esse ciclo de pensamentos, além da própria falta de perspectiva sobre o então governo Bolsonaro e cada vez menos perspectivas de um futuro. Nesse contexto, em 2021, houve manifestações contra o governo vigente. Durante uma dessas manifestações, na praça de São Salvador (praça central do município campista) conheci manifestantes que possibilitaram a aproximação do acampamento Cícero Guedes, localizado no município de Campos dos Goytacazes. Na prática, pude compreender a pulsão e transformação pelo coletivo, entender de corpo e mente o texto “Convertirse en comunero” e a relação do afeto:

El renacimiento de los comunes, entonces, se vuelve crítico no solo para restaurar el acceso y el control de los recursos físicos, sino también para contrarrestar esta alienación y encontrar una manera de producir subjetividades y mundos alternativos (Singh, 2018, p.11).

A partir desse contexto, de encontros e criação de significados pessoais, pude compreender a extensão do efeito das redes agroecológicas, que são essas relações que proporcionam redes de afetos, rede de apoio e espaço de criação de significados para além dos econômicos, levando em conta as relações sociais e ambientais. As redes agroecológicas são de grande importância para o desenvolvimento social em diversas áreas, desde a educação e conscientização, preservação ambiental, até a relação saudável e cíclica com os processos da terra e fortificação da população camponesa. Por essa razão, irei explorar as formatações que essas redes tomam em Campos dos Goytacazes, focando na experiência da feira agroecológica da UENF/ITEP (Universidade Estadual do Norte Fluminense/Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares) e os atores envolvidos

nas dinâmicas dessa feira. Desde o processo de produção, que envolve o assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) Oziel Alves, o acampamento Cícero Guedes (sendo esses dois os que terão suas dinâmicas internas mais exploradas), Comunidade Quilombola do Imbé, e outros assentamentos da região sul do estado do Rio de Janeiro. Além das instituições públicas, como a UENF (Universidade Estadual Norte Fluminense) e o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). As informações específicas foram colhidas a partir de bibliografia produzida pelo ITEP, entrevistas semiestruturadas com os produtores presentes na feira, matérias jornalísticas e visitação ao acampamento Cícero Guedes².

Ao analisar os embates declarados pelos entrevistados, destaca-se a dificuldade da organização política interna, com centralizações e bloqueios no envolvimento político. Levantando-se a hipótese de que a participação política demanda um retorno da ação e reação à interferência, como um processo cíclico, em que um gera o outro. Segundo Bachrach e Baratz (2011) a participação política demanda a reação coletiva, nem que seja antitética, e a construção política coletiva depende da participação horizontalizada e com possibilidade de êxito. Quando essa participação se torna “figurativa”, inócua, gera-se uma cultura da não participação, já que ela não apresenta retorno. Podemos observar esse efeito nos movimentos políticos-sociais brasileiros em contraste com outros países da América Latina. Em que se construiu, no Brasil, uma cultura institucional de sociedade política, como abordado em Gramsci, de afastamento da participação direta da população, tornando-a consultiva e não deliberativa. Gerando um afastamento duplo da população, pela coerção e pela ineficácia/não efetivação de suas interferências. Uso desse exemplo para demonstrar o quanto a estrutura organizacional de receptividade das demandas populares, no poder institucional, influencia na cultura participativa, não de maneira determinista, mas com um poder de influência contra a organicidade dessas relações nas bases populares.

Devemos ressaltar que ambos os processos, tanto da sociedade civil quanto da sociedade política, como grupos que compõem hábitos e capitais culturais e sociais distintos, se influenciam mutuamente, mas não com o mesmo regime de forças. Esse processo de desvalorização ou diminuição dos mecanismos de participação possibilita a geração de duas reações que poderemos observar com mais cuidado nas análises de casos específicos. Em

² Cícero Guedes foi um importante líder do MST, assassinado em 2013, em Campos do Goytacazes. Cícero era alagoano, veio para o sudeste em busca de melhores condições de trabalho, fugindo de condições análogas a escravidão. Em Campos, completou os estudos e participou ativamente do movimento, inclusive fazendo parte do Comitê Popular de Combate e Erradicação do Trabalho Escravo.

primeiro lugar, a ação paralela à sociedade política, ou seja, onde se entende a necessidade de contato político determinado para a participação, podemos enxergar o afastamento da participação popular e ação paralela. E, segundo, a dificuldade organizacional interna pela reprodução da cultura política individualista. O que não pode ser ignorado, é que ambos os campos de atuação, tanto da organização da sociedade civil, quanto das decisões da sociedade política, são intimamente influenciados, de maneira que uma se adapta aos limites traçados pela outra. A resistência popular organizada gera resultados e enfrentamentos que obrigam adaptação do poder público e as coerções causadas pelo poder público geram fortalecimento obrigatório dos movimentos para enfrentamento dos limites impostos.

ECONOMIA POPULAR

No contexto apresentado, pretende-se expor a economia popular através do conceito apresentado por Alvaréz (2018) “una categoría reivindicativa que busca unificar una población heterogénea(...) compuesta por aquellos que habitualmente son definidos como ‘informales’ ‘precarios’ ‘externalizados’ o ‘de subsistencia’(p. 26)”. Ou seja, trabalhadores com diversas atuações, externos ao mercado formal e com uma proposta de organização horizontal, em prol de garantia coletiva de renda. Não é um mercado à parte, mas formado por e para o contexto periférico ao mercado global, que ainda se utiliza de redes e formações criadas através desse contexto. A economia popular é, portanto, uma organização mercadológica heterogênea e capaz de gerar redes econômicas colaborativas, com objetivo de buscar autonomia e outras redes de comercialização e produção não alienadas. No contexto apresentado, o foco se estabelece em redes colaborativas agroecológicas, por tanto, que partem do processo de comercialização, produção e conscientização da alimentação sem agrotóxicos e produzida pela agricultura familiar. De maneira que se desenvolve uma rede colaborativa através das organizações dos assentados, da relação com a UENF e, conseqüentemente, conscientização dos consumidores.

ATORES ENVOLVIDOS

Primeiramente, devemos compreender quem faz parte dessa rede, para visualizar quais são as forças envolvidas. No contexto temos três principais atores envolvidos: o Assentamento Oziel Alvez, o então Acampamento Cícero Guedes e a ITEP/UENF (Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares). Separei esses três atores por entender que cada um exerce uma função diferente nessa dinâmica apresentada, os

assentados com essa luta constante por direito à alimentação, moradia, etc. A ITEP/UENF como mediadora e representante de políticas de Estado. E as relações com instâncias governamentais (desde municipais até o federal) exercendo políticas de governo, representando seus interesses específicos, como o INCRA.

ITEP/UENF

A incubadora, ITEP/UENF, é um programa de incentivo aos empreendimentos populares. No apoio aos produtores rurais têm grande importância antes, durante e depois do processo produtivo. Prestando assistência direta para os agricultores, com a presença de agrônomos no projeto, desde o início do plantio, até a intermediação com a universidade, apoio na administração financeira e gerenciamento da distribuição de cestas semanais. A ITEP atua como apoiador das redes agroecológicas para garantir sua continuidade e conexão com a cidade, com enfoque educacional duplo, tanto para com os agricultores, quanto para a comunidade universitária que participa do projeto. O papel central da incubadora também foi citado por um dos entrevistados relatando que “guarda com muito carinho as apostilas fornecidas pela ITEP durante a visita de técnicos ao assentamento”, numa referência às pontes possibilitadas a partir da incubadora, entre a comunidade acadêmica e os agricultores.

ASSENTAMENTO OZIEL ALVEZ

Estabelecido em 2001, Assentamento Oziel Alves Pereira, na baixada campista. Localizado nas terras que pertenciam à antiga usina açucareira da Cambahyba³ e que foram redistribuídas a partir da ocupação pelo MST e, em 1998, destinadas para políticas da Reforma Agrária, pelo INCRA.

O caso do Assentamento Oziel ilustra as diversas interferências que esses coletivos podem sofrer, como foi relatado em alguns momentos das entrevistas realizadas com os produtores. Principalmente sobre esse último ponto, temos diversos hábitos participativos herdados de dinâmicas partidárias e da própria relação da democracia brasileira com os métodos participativos. No assentamento, existe uma limitação nos processos decisórios, a presidente da associação não tem a produção agrícola como atividade primária e a estrutura da associação é a própria casa dela, o que gera diversos limites práticos de autonomia

³ A história da Usina Cambahyba ganhou holofotes recentes pelo avanço de investigações, partindo da Comissão da Verdade, que investiga crimes da ditadura empresarial-militar no Brasil. A partir da investigação, consta que corpos de militantes contra o governo militar foram incinerados nos fornos da usina. O resultado da investigação, que durou 8 anos, permanece em sigilo. (Mesquita, 2019)

política, além, da centralização organizacional e decisória do movimento. Por essa centralização e personalização da liderança, conflitos são gerados e demandas não atendidas, como, por exemplo, o acesso a um trator, sendo dificultado pela presidente, acaba se tornando um motivo para o afastamento e desmobilização de alguns integrantes. Enfraquecendo assim as dinâmicas da cultura política que o próprio MST segue e a relação com a produção agroecológica. Além de ter sido relatado que qualquer ação de mobilização que não passe pelo crivo da presidência é considerada uma tentativa de tomada da posição da presidente. Mas isso não significa o fim da organização política, apenas que certas maneiras de organização estão enfraquecendo alguns laços. Entretanto, o objetivo em comum pela terra e a busca pela constante mobilização do movimento continuam fortes. Principalmente, após a instalação do Acampamento Cícero Guedes, que ocupou outras terras de propriedade da mesma usina.

ACAMPAMENTO CÍCERO GUEDES

Em junho de 2021, ocorreu a ocupação de parte do complexo de terra da usina Cambahyba, após a decisão de desapropriação para servir à Reforma Agrária, em maio. Foi instalado ali o Acampamento Cícero Guedes, em homenagem ao líder do MST assassinado em uma emboscada na mesma região, em 2013. O acampamento começou com 300 famílias ocupantes. A partir da presença do acampamento, com o MST muito ativo nos processos de construção e diversos eventos/atos políticos públicos, no próprio espaço comum do acampamento, algumas aproximações ocorreram. Como a comunidade vizinha, militantes de movimentos urbanos de Campos e apoiadores do atual presidente também, inclusive entre os acampados.

Cito estes últimos com ênfase porque, em agosto, foram figuras centrais na primeira grande cisão do acampamento. Essa cisão aconteceu após a presença do INCRA no acampamento, com a Polícia Federal, reivindicando a desocupação das terras, alegando que a desapropriação das terras da usina não gera a posse automática dos ocupantes, mas sim, a posse do INCRA sobre as terras para posterior distribuição, sob edital. De forma extraoficial, foram apresentadas as possibilidades de preferência na seleção dos futuros proprietários, para quem aceitasse se retirar das terras, e foram utilizados métodos de coerção, direta e indireta. Nesse embate, o grupo de ocupantes mais afastados do MST, apoiadores do atual presidente Bolsonaro, aceitou o acordo. A ação do INCRA foi denunciada pelo MST nacional como uma tentativa de desestruturar o movimento e a organização presentes ali.

Como cita a Deputada Renata Souza, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), que estava presente em defesa do acampamento no dia da visita: "O Incra só obteve a posse dessas terras por causa da luta do MST e não pode desrespeitar mais de duas décadas de luta. O superintendente tentou convencer as famílias a abandonar o local à base de coação. Precisamos avançar para outra lógica de atuação do poder público. Ainda mais nestes tempos de pandemia e miséria acirradas". (Superintendente do Incra...⁴)

Para além dos embates internos, que geraram a cisão e distanciamento de quase metade dos acampados, a organização restante, por outro lado, foi fortalecida, com alinhamento maior entre os ocupantes que permaneceram e um sentimento de construção positiva se alastrou um pouco mais, frente ao embate constante com o governo federal. Além disso, têm-se feito um esforço de aproximação do acampamento e da Ocupação Urbana Novo Horizonte, a maior ocupação urbana da história do Rio de Janeiro. Tal ocupação começou em abril de 2021, com foco em habitar casas do programa nacional de financiamento habitacional "Minha Casa, Minha Vida" que estavam prontas, mas sem previsão de distribuição, desde 2018. Me refiro à relação com a ocupação urbana pelo caráter de reunião de movimentos diversos, que podem gerar apoio mútuo, com a dinâmica campocidade, focada nas mobilizações populares. Garantindo desta forma, um circuito que pode gerar diversos debates promissores e construções de cultura política autônoma e horizontal.

A FEIRA DA UENF

A feira agroecológica na UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense) existe desde 2005, sempre sendo realizada nos espaços da universidade, com apoio da ITEP, projeto da própria universidade. Essa feira surgiu como uma alternativa ao escoamento da produção oriunda do assentamento estabelecido em 2001, Assentamento Oziel Alves Pereira, na baixada campista. Localizado nas terras que pertenciam à antiga usina açucareira da Cambahyba e foram redistribuídas a partir da ocupação pelo MST e, posteriormente, loteadas sob políticas da Reforma Agrária, pelo INCRA. Além do assentamento, também tem produtores parceiros da feira oriundos da comunidade Quilombola do Imbé, do Assentamento Zumbi dos Palmares e, mais recentemente, do acampamento Cícero Guedes, que também é fruto da ocupação de terras da mesma usina Cambahyba.

⁴ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/movimentos/2021/8/23/superintendente-do-incra-ameaa-familias-de-sem-terra-em-campos-rj-102353.html>

A feira na universidade surgiu como uma alternativa à dificuldade de inserção nas feiras já estabelecidas na cidade, principalmente, na “Feira da Roça”, uma feira que acontece na região central da cidade. Pela centralidade e circulação de consumidores que acontece nesta feira central, a influência de atores político-partidários é forte, gerando a necessidade de contatos próximos e de influências pessoais. Além disso, a organização da feira não tem uma política de garantia da relação produtor-consumidor, tendo a presença de diversos atravessadores comerciais, ou seja, sujeitos que recolhem mercadorias de diversos produtores para vender na feira. A presença desses sujeitos dificulta a arrecadação por parte dos produtores que eles interferem, por cobrarem sua margem de lucro, gerando um baixo retorno para o produtor. Ainda sobre essas dificuldades geradas pela presença dos atravessadores, temos a impossibilidade de garantir que a produção daqueles alimentos tenha sido feita sem agrotóxicos, possibilitando que seus produtos sejam considerados mais “atraentes” ou “duráveis” à vista do consumidor médio dessa feira central, que é um consumidor de grandes mercados e alienado do processo de produção daquela mercadoria. Ou seja, há um hábito nesses consumidores de adquirir os produtos baseando-se em sua aparência, sem garantia de qualidade, já que produtos com agrotóxicos tendem a ser maiores e com menos interferência de outros seres vivos. Reforço isso a partir de relatos dos produtores da feira agroecológica, para demonstrar as dificuldades enfrentadas nos espaços de venda já garantidos na cidade. Dificuldades essas que levaram a criação da feira agroecológica por iniciativa dos produtores assentados e viabilizada pela relação com a ITEP/UENF.

A necessidade de se criar um espaço que garantisse a relação direta produtor-consumidor e a produção agroecológica, reuniu os interesses dos produtores assentados na época e até hoje aumentou sua rede de colaboradores. Além de organicamente se tornar um espaço de trocas ativas e podendo ser considerado um espaço de educação informal. Onde a troca de informações sobre a produção, colheita e preparo daqueles produtos, além de seus processados, é enriquecedora tanto para o produtor quanto para o consumidor

Percebo como um fator importante desse processo educacional também a reconexão com os ciclos da própria natureza, que tem um processo de produção específica em cada época do ano e do território específico. É um potencializador da ligação com uma percepção dos produtos, diferente da implicada pelo processo capitalista globalizado e da indústria agrícola, que mantém a disponibilidade de certos produtos o ano todo, como batata, milho, soja e arroz, por exemplo. Produtos que têm adesão e hábito social de consumo contínuo.

Diferente dos produtos agroecológicos, que seguem os ciclos naturais, que se adaptam a capacidade de produção do solo, a região, quantidade de chuvas e relação com as plantas vizinhas. Dessa maneira, se transforma a relação do campo e da cidade, a partir da troca de conhecimentos e produtos, ressignificando a relação com a alimentação e com os impactos sócio-ambientais da mesma. “Para a gente, esta feira, além do escoamento, é um aprendizado. Nós ensinamos aos nossos consumidores sobre agroecologia, ou seja, cultivo sem produto químico, e isto aqui se torna uma sala de aula porque também aprendemos muito com eles. Tem a questão financeira, mas a troca de conhecimento com os consumidores é a melhor parte”, relatou um dos produtores da feira para o portal de notícias da UENF, em 2019⁵.

A partir dessas construções dinâmicas, em 2020, com a feira estabelecida na cidade, já caracterizada como um evento semanal da cidade e da universidade. Com a pandemia do coronavírus, foi decretado isolamento social. Fechamento das universidades, falta de circulação nas ruas, impossibilidade de realizar eventos. Nos primeiros meses, a incerteza paralisou a feira e as perdas produtivas foram se acumulando. Duas alternativas foram encontradas. A primeira foi a montagem e venda de cestas, em que os produtores apresentam uma lista dos produtos disponíveis na semana, para o ITEP, que repassa aos consumidores e estes selecionam o que é de seu interesse. O que possibilitou uma solução para o escoamento emergencial de produtos e garantiu uma frequência de consumidores e alcance maior que antes da pandemia. A segunda alternativa foi reorganizar a feira, que antes acontecia no interior do *campus*, passou a ser organizada na área externa da universidade, nos moldes de “feira de beira de estrada”, modelo comum na região. Nesse modelo a feira fica na calçada e os carros param para realizar suas compras, podendo ser acessada por pedestres também.

Em ambos os casos há perdas do caráter educacional, não totalmente, mas o contato e tempo disponível para os consumidores é menor. No entanto, foram soluções adotadas e que cumpriram com êxito suas intenções, mantendo o fluxo de venda e possibilidade de constância na produção. Porém, mesmo com essas alternativas, alguns integrantes do assentamento deixaram de produzir e foram para outras áreas de atuação, pelas necessidades econômicas enfrentadas.

⁵ Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/feira-agroecologica-da-itep-uenf-agora-no-ru/>

CONCLUSÃO

A discussão central deste trabalho foi nos atores que compõem as redes agroecológicas, desde seu desenvolvimento enquanto assentamento e debates internos, até a ponta da relação com o consumidor e com a cidade. Dessa maneira, explorou-se as dinâmicas em constante movimento dentro dessas redes. Elas não se formam como instituições burocráticas, rígidas e definidas. As influências exercidas pelo poder público podem gerar tanto um processo de desmobilização, quanto de reunião, sendo essa interferência parte do processo constitutivo da heterogeneidade da realidade social. Tais fatores desenvolvem uma dinâmica de forças específicas de retroalimentação das decisões e uma indefinição do que se torna a prática do poder de maneira estrita.

A economia popular se apresenta como uma maneira de reagir coletivamente à constante individualização da vida na cidade e no neoliberalismo, de forma que desalienar os processos de alimentação, reforçar a cadeia produtiva e humanizar os agentes envolvidos. Pode gerar um processo de construção de identidades e conscientização socioambiental que em poucos momentos são valorizados em nossas organizações urbanas. Sendo assim, essas redes de economia popular são formas de resistência ao capitalismo, e principalmente, à lógica neoliberal alastrada culturalmente em nossa sociedade, ressignificando as relações e a substância delas, para além da lógica bancária e individualista. Favorecendo as relações comunitárias e perspectivas para além do lucro, tendo como foco a reprodutibilidade da vida cultural, social e ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVAREZ, M. I. F. Más allá de la precariedad: prácticas colectivas y subjetividades políticas desde la economía popular argentina. **Íconos - Revista de Ciencias Sociales**, [S. l.], n. 62, p. 21–38, 2018. Disponível em: <https://iconos.flacsoandes.edu.ec/index.php/iconos/article/view/3243> . Acesso em: 6 out. 2021

BACHRACH, Peter e Baratz, Morton S. Duas faces do poder. **Revista de Sociologia e Política**. 2011, v. 19, n. 40. , pp. 149-157. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782011000300011> Acesso em: 29 Set. 2021

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica** Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. Disponível em: <https://gambiarre.files.wordpress.com/2011/01/foucault-nascimento-da-biopolc3adtical1.pdf> . Acesso em: 06 out. 2021

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937 **Cadernos do cárcere**, volume 3: Maquiavel, notas sobre o estado e a política / Antonio Gramsci; tradução de Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira, Carlos Nelson Coutinho. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6891743/mod_resource/content/1/Quaderni-del-carcere-3 -Antonio-Gramsci-Cadernos-do-C%C3%A1rcere-v.pdf Acesso em: 05 out. 2021

SINGH, N. (2018) “Convertirse en un comunero: los comunes como lugares de encuentro y co-existencia socionatural y afectiva”. **Ecología Política**, 55: 8-12. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6501756> . Acesso em: 10 out. 2021

MESQUITA, Clívia. Cícero Guedes: da trajetória marcada por escravidão à militância no MST. **MST**, Campos dos Goytacazes, 25 out. 2019. Disponível em: <https://mst.org.br/2019/10/25/cicero-guedes-da-trajetoria-marcada-por-escravidao-a-militancia-no-mst/> Acesso em: 09 out. 2021

MACHADO, Wesley. Feira Agroecológica da ITEP/UENF agora no RU. **Portal de Notícias UENF**, Campos dos Goytacazes, 10 out. 2019. Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/feira-agroecologica-da-itep-uenf-agora-no-ru/>. Acesso em: 06 out. 2021